

# Aprendizagem musical em pacientes com Mal de Alzheimer

**Huly Caroline Rios de Souza**

Universidade Federal do Amazonas

[huly.souza@hotmail.com](mailto:huly.souza@hotmail.com)

## Comunicação

**Resumo:** Uma pessoa com a doença de Alzheimer perde muito de suas faculdades mentais conforme a doença vai avançando, em consequência perde aspectos fundamentais da autopercepção. A aprendizagem musical de pacientes com o mal de Alzheimer por muito tempo foi questionável devido a deterioração que a doença causa no cérebro, no entanto estudos apontam que a música pode auxiliar na concentração e percepção. Muitas pessoas procuram estudar música para se manter mais ativas e saudáveis. A música atua em diferentes partes do ser; ela pode promover o equilíbrio entre o pensar, o sentir e o agir. Este trabalho tem como objetivo investigar as possibilidades de aprendizagem musical em pacientes com a Doença de Alzheimer. A construção desse trabalho foi planejado e realizado por meio de procedimento metodológico de pesquisa bibliográfica, com contextos históricos e atuais.

**Palavras-chave:** Aprendizagem, Música, Alzheimer.

## Introdução

O Mal de Alzheimer é uma das principais causas de demência entre idosos, apresenta papel progressivo e irreversível levando a um declínio em certas funções intelectuais. Estima-se que no Brasil haja um pequeno crescimento na taxa de prevalência de demência na população com 65 anos e mais, de 7,6% para 7,9% entre 2010 e 2020, ou seja, 55.000 novos casos por ano. (BURLA, 2013). Em virtude da longevidade da população esse número pode aumentar significativamente.

O lobo temporal, porção do cérebro que vai da têmpora à parte de trás da orelha é, entre outras coisas, a discoteca dos humanos. Ali é gerida nossa memória auditiva, inclusive as canções. Estudos com portadores de lesão cerebral respaldam a ideia de que guardamos a música em uma rede centrada nessa área. No entanto, o lobo temporal também é a primeira parte do cérebro a sofrer os estragos do Mal de Alzheimer.

Como se explica então que muitos doentes não saibam o próprio nome ou como voltar para casa, mas reconhecem aquela canção que os emocionou décadas atrás? Como alguns doentes são incapazes de pronunciar uma palavra, mas, entretanto, conseguem

cantarolar melodias que fizeram sucesso antes de apresentar sinais do Mal de Alzheimer? O neurocientista Oliver Sacks nos apresenta em sua obra “Alucinações Musicais” diversos casos de pacientes diagnosticados com a doença de Alzheimer que mesmo depois da perda de outras formas de memória tiveram suas lembranças musicais intactas. Eis um exemplo:

Um homem escreveu-me sobre sua mulher: Embora minha esposa tenha doença de Alzheimer - diagnosticada há pelo menos sete anos -, a pessoa essencial, milagrosamente, permanece. [...] Ela toca piano várias horas por dia, e muito bem. Sua atual ambição é memorizar o Concerto para piano em lá menor de Schumann. (SACKS, 2007, p. 321).

Existem evidências para acreditarmos que é possível a aprendizagem musical ocorrer em pessoas com Alzheimer. Aprender pode continuar sendo um desejo desses pacientes – vejamos o caso da mulher que queria decorar o concerto. Por isso, investigar a possibilidade de aprendizado dessas pessoas pode ser um estímulo para que se olhe com mais atenção para elas, para que se possa dar a todos o prazer de aprender.

## **Aprendizagem musical na terceira idade**

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) a terceira idade se inicia aos 60 anos e é justamente nessa fase que ocorrem mudanças físicas em todo o organismo alterando funções e comportamentos. O envelhecimento pode ainda trazer alterações nas percepções, sentimentos ações e reações. É nesse momento que muitos idosos buscam atividades que possam conservar suas energias, estímulos, concentração e até mesmo a memória.

Dessa forma a música se torna uma importante aliada por promover diferentes estímulos e emoções nas pessoas que a praticam. Sabe-se que a música demanda bastante empenho mental por estimular os dois hemisférios cerebrais, e que sua prática promove a melhora do raciocínio e da concentração, ativa a memória, além de aproximar o indivíduo do seu universo subjetivo (SACKS, 2007).

As propostas que envolvem a aprendizagens musical na terceira idade devem considerar diferentes tipos de práticas uma vez que no ensino musical tradicional o aluno era um ser passivo e apenas recebia as informações impostas pelo professor. Ao compreendermos a prática musical como uma atividade que abrange e direciona também a

formação das múltiplas habilidades humanas estaremos proporcionando que todos tenham acesso à vivência musical independente da idade.

Existem diversas atividades musicais que podem ser desenvolvidas com idosos, entre a mais comum temos a prática de canto coral. De acordo com Almeida (2013) a prática da educação musical por meio do canto coral vem sendo cada vez mais utilizada por professores e regentes como um meio eficaz e amplo de musicalização. Essa educação tem enfatizado a aproximação com a realidade dos idosos, pois o educador deve se inserir no contexto do grupo.

O canto, em particular, muito tem a acrescentar ao idoso trazendo-lhe uma série de contribuições, que poderão abranger desde a melhora das funções mentais, até uma grande e significativa mudança no comportamento corporal e emocional. (DEGANI, 2011, p. 164).

A prática musical, por si só, tem sido explorada como uma verdadeira ginástica para o cérebro (DEGANI, 2011). A educação musical tem como base fundamentos que integram princípios filosóficos, histórico, psicológico, pedagógico, performático entre outros dependendo apenas do caminho que o aluno irá trilhar. A aprendizagem de música voltada para pessoas da terceira idade deve abranger um processo metodológico acessível a todos.

É certo que a prática de novas experiências traz aos idosos uma melhor qualidade de vida. Estudos apontam que a música contribui tanto biologicamente como emocionalmente na vida dos que a praticam além de proporcionar às pessoas da terceira idade conhecimento sobre diferentes repertórios, expressividade musical, leitura de partitura entre outros.

Mais do que se apresentar como atividade de interação a música vem sendo estudada por aspectos neurológicos. Muitos estudos têm apontado para o papel da música como ferramenta de intervenção em diferentes alterações neurológicas tais como dislexia, autismo e até mesmo o Mal de Alzheimer.

## **Música e Alzheimer**

A doença de Alzheimer é hoje a causa mais comum de demência entre as pessoas da terceira idade. É uma doença neurológica, degenerativa, lenta e progressiva que destrói a

memória breve, costuma se manifestar após os 50 anos. (POLTRONIERE, 2011). O Mal de Alzheimer pode trazer dificuldade para completar tarefas domésticas simples, confusão no tempo e espaço, mudanças de humor e personalidade entre outras atividades diárias, mas a principal consequência é a perda da memória que afeta significativamente a qualidade de vida dos pacientes.

Segundo Calvet (2013), não existe um lugar específico no cérebro onde a memória se localiza, a memória é construída a partir de processos de associações. Cada indivíduo faz associação do que quer memorizar dependendo do significado que aquilo terá para si.

A música e a memória estão interligadas. As lembranças musicais vão sendo criadas e construídas em nossa mente de acordo com as experiências emocionais que temos com elas. A maneira como alguém ouve música depende crucialmente daquilo que é capaz de lembrar-se a respeito de eventos passados (SLOBODA 2008, p.229).

Uma pessoa com a doença de Alzheimer perde muito de suas faculdades mentais conforme a doença vai avançando, em consequência perde aspectos fundamentais da autopercepção. Muitos autores denominam essa perda como “perda do self” como se o indivíduo perdesse sua própria identidade. No entanto Sacks (2007) apresenta forte discordância

Ainda que a pessoa possa estar profundamente limitada e incapacitada, nunca estará sem tudo, nunca será uma tabula rasa. Uma pessoa com Alzheimer pode sofrer uma regressão a uma "segunda infância", mas aspectos de seu caráter essencial, de sua personalidade e individualidade, do self, sobreviverão -juntamente com certas formas de memória quase indestrutíveis -mesmo na demência muito avançada. (SACKS, 2007, p. 320).

É como se grande parte da identidade pessoal do paciente ainda estivesse presente no cérebro sem se perder por completo e quando estimulada pela música traz de volta lembranças, pensamentos, emoções e sentimentos. Como nos é apresentando em outros relatos de Sacks

Mary Ellen Geist, escritora, entrou em contato comigo faz alguns meses a respeito de seu pai [...] Ele não tem idéia do que fazia para ganhar a vida, de onde está vivendo agora ou do que fez dez minutos atrás. Quase toda a memória desapareceu. Exceto para a música. [...] lembra-se da parte do barítono de quase toda música que já cantou. Ele participou de um grupo masculino de canto a capela por quase quarenta anos. [...] A música é uma

das únicas coisas que o mantêm ancorado neste mundo. (SACKS, 2007, p. 322).

A música familiar pode agir como uma espécie de recurso mnemônico, fazendo aflorar emoções e sentimentos que foram esquecidos. Reabre aos pacientes o acesso a estados de espírito e memórias que pareciam ter sido totalmente perdidas. Esses pacientes que pareciam isolados por sua doença e demência tornam-se capazes, ao menos por algum tempo, de reconhecer outras pessoas e formar vínculos com elas. (SACKS, 2007).

A resposta da doença de Alzheimer à música vem sendo alvo de pesquisa por diversos profissionais. Um deles é Dan Cohen (2014) um assistente social que durante anos acompanhou e cuidou de vários idosos que possuem a Doença de Alzheimer em diversas casas de repouso nos Estados Unidos. Cohen (2014) observou que seus pacientes respondiam de forma positiva aos tratamentos terapêuticos com música e chamou a atenção do cineasta Michael Rossato-Bennett que passou a acompanhar Cohen registrando todas as sessões de música dos idosos.

Os registros de Bennett (2014) se transformaram em um documentário intitulado *Alive Inside*. O documentário retrata a música como ferramenta de transformação na vida de idosos já quase sem memória, vítimas do Alzheimer, com o objetivo de combater o esquecimento e restaurar em cada pessoa um sentimento profundo de si mesmo.

### **A música no controle da dor**

Em sua pesquisa acerca dos efeitos da música em idosos com doença de Alzheimer Albuquerque (2012) relata sua experiência com alguns pacientes que mostraram dor antes das sessões de música e logo após as sessões relataram diminuição e muitas vezes alívio das dores.

Dos cinco participantes, Zefa, Magnus e Zenon relataram sentir dor antes das sessões de música. Dentre estes, Magnus fora o mais queixoso da presença da dor. *Não tô muito bem, não! (pausa), minhas pernas ta doendo muito. [...] Na maioria das vezes os idosos referiram dor antes da sessão, quando foram questionados quanto à permanência desta, responderam que não a sentiam mais ou referiram redução da mesma após a sessão ...Minha perna ta pinicando mais não... foi boa a música. ...foi bom escutar o som! As pernas pararam mais de pinicar (Magnus).* (ALBUQUERQUE,

2012).

Albuquerque (2012) nos relata que a melhora no processo de dor vivenciado pelo idoso foi ocasionado pela música, que fora responsável pela evocação das imagens mentais, representadas por momentos vividos em outras fases da vida do idoso, quando o mesmo residia em São Paulo. Os conteúdos das falas dos idosos comprovaram a influência exercida pela música no resgate de memórias recentes, confirmando a importância da inserção da mesma no cotidiano de idosos portadores da Doença de Alzheimer.

Concluiu-se que o uso da música é uma terapêutica complementar valiosa, que exerce influência sobre os aspectos neurocognitivos, emocionais, psíquicos e sociais do idoso com Alzheimer [...] portanto, desempenha importante papel na manutenção e melhora da qualidade de vida, além de propiciar maior interação deste com o meio social e familiar. (ALBUQUERQUE, 2012).

## **Aprendizagem Musical em pacientes com Mal de Alzheimer**

Ao longo da nossa vida nosso cérebro passa por muitas transformações através das nossas vivências. De acordo com Velásquez (2001) a aprendizagem é o processo pelo qual as habilidades, os conhecimentos, comportamentos e valores são adquiridos ou modificados resultando de experiências, estudos, observação e formação. Segundo Vygotsky (1989) é um processo no qual o indivíduo aprende através do contato com a realidade em que esteja inserido.

O convívio com a música pode tornar a aprendizagem mais significativa. Estudos apontam que a música pode auxiliar na concentração e percepção. Muitas pessoas procuram estudar música para se manter mais ativas e saudáveis. A aprendizagem musical também vem sendo explorada no tratamento de outras doenças como o Mal de Parkinson que promove distúrbios e reflete, principalmente, em interferências das atividades motoras.

Como vimos anteriormente o Mal de Alzheimer é uma doença neurológica, afeta o intelecto impedindo que os pacientes aprendam novos conteúdos. No entanto estudos comprovam que a música tem sido uma grande aliada na preservação da memória e no resgate de lembranças das pessoas afetadas. Muitos terapeutas tem usado a música para retardar o avanço da doença, utilizando principalmente canções que fizeram parte da

infância ou juventude dos pacientes ou músicas ligadas a uma experiência emocional muito intensa tentando estimular suas memórias.

Modificações e plasticidade neuronais, proporcionadas pelo aprendizado musical, não são exclusivas de fases em que o cérebro e seus componentes ainda estão em processo de formação, como nas crianças, e sim em todas as faixas etárias, incluindo idosos (PASCUALLEONE, 2001). A música e as atividades musicais são indicadas como meios eficientes para estimular a evocação das emoções e sentimentos, que podem fornecer meios para a expressão e estimulação da verbalização, possibilitando a interação da pessoa com a própria realidade em que se insere. (ALBUQUERQUE, 2012).

### **Considerações Finais**

A existência de pacientes com demência que podem se esquecer de fatos da própria vida, mas são capazes de cantar canções da infância de cor indica que, se não é especial, a memória para música é, ao menos, diferente da memória para fatos e imagens do cotidiano. (ROCHA, 2013). A música não apenas é processada no cérebro, mas afeta seu funcionamento. As alterações fisiológicas com a exposição à música são múltiplas e vão desde a frequência cardíaca, dos ritmos respiratórios, dos ritmos cerebrais até a produção de vários neurotransmissores ligados à recompensa e ao prazer e ao sistema de neuromodulação da dor. (MUSKAT, 2014).

Ainda não sabemos se a aprendizagem musical em pacientes com Mal de Alzheimer é possível, mas sabemos que é um grande desejo dos pacientes como vimos no exemplo que Oliver Sacks nos apresenta da sua paciente que mesmo após sete anos diagnosticada com a doença, tocava piano todos os dias e desejava decorar o concerto para piano de Schumann.

É importante para os idosos que possuem a Doença de Alzheimer investir na descoberta da possibilidade de recriar a própria existência. Sacks ao considerar a importância do papel da música afirma que "Música do tipo certo pode orientar um paciente quando mais nada é capaz de fazê-lo" (SACKS, 2007).

## Referências

ALBUQUERQUE MCS, NASCIMENTO LO, Lyra ST, FIGUEREDO Trezza MCS, BRÊDA MZ. Os efeitos da música em idosos com doença de Alzheimer de uma instituição de longa permanência. *Rev. Eletr. Enf.* [Internet]. 2012 abr/jun;14(2):404-13.

ALMEIDA, Matheus Cruz Paes de. O canto coral na terceira idade – o ensaio como momento de grandes possibilidades. *Revista da Abem.* Londrina. V21, N. 31, 119-133. Dez de 2013.

BERGMANN, Carolina Giordano, 1980- B493r. A relação do idoso com o aprendizado musical / Carolina Giordano Bergmann – São Paulo, 2012. 249 f.

DEGANI, Marcia. MERCANTE, Elizabeth Frohlich. Os benefícios da música e do canto na maturidade. *Revista Kairós Gerontologia*, 13(2), ISSN 2176-901X, São Paulo, novembro/2011: 149-66.

ENGELHARDT, Elias. BRUCKI, Sonia M.T. CAVALCANTI, José Luiz S. FORLENZA, Orestes V. LAKS, Jerson. A.C. VALE, Francisco. Tratamento da doença de Alzheimer: Recomendações e sugestões do Departamento Científico de Neurologia Cognitiva e do Envelhecimento da Academia Brasileira de Neurologia. 2005.

GALDINO, Viviane T. A música como ferramenta pedagógica no processo de aprendizagem. *Revista Eventos Pedagógicos Articulação universidade e escola nas ações do ensino de matemática e ciências* v.6, n.2 (15. ed.), número regular, p. 258-267, jun./jul. 2015

ILARI, Beatriz. A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 9, 7-16, set. 2003.

KOELSCH, S. Towards a neural basis of music-evoked emotions. *Trends in Cognitive Sciences*, v. 14, p. 131-137, 2010.

LUZ, Marcelo Caires. A educação musical na terceira idade: uma proposta metodológica de sensibilização e iniciação a linguagem musical. Dissertação de Mestrado. Programa de estudos Pós-Graduados em Gerontologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2005.

MIRANDA, M.L.J.; GODELI, M.R.C.S. Música, atividade física e bem-estar psicológico em idosos. *R. bras. Ci. E Mov.* 2003; 11(4): 87-

MUSZKAT, Mauro. *Música, neurociência e desenvolvimento musical*. Música na escola - Allucci e Associados comunicações São Paulo, 2012.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. RIBEIRO, Marlene. BORGES, Raquel. LUGINGER, Sônia. Doença de Alzheimer – perfil neuropsicológico e tratamento. Universidade Lusíada do Porto – Departamento de Psicologia. Abril, 2005.



PASCUAL-LEONE, Alvaro. The brain that makes music and is changed by it. Em: PERETZ, Isabelle; ZATORRE, Robert (eds). The cognitive neuroscience of music, pp. 396-409. Oxford, Oxford University Press, 2003.

PIEKARSKI, Teresa Cristina Trizzolini. A aprendizagem musical do estudante com deficiência intelectual em contexto de inclusão / Teresa Cristina Trizzolini Piekarski – Curitiba, 2014. 174 f.

POLTRONIERE, S.; CECCHETTO, F. H.; SOUZA, E. N. de. Doença de Alzheimer e demandas de cuidados: o que os enfermeiros sabem. Rev Gaúcha Enferm, v. 32, n. 2, p. 270- 278, 2011.

PRAZERES, M.M.V., LIRA, L.C., LINS, R.G., CÁRDENAS, C.J., MELO, G.F. & SAMPAIO, T.M.V. (2013, dezembro). O Canto como Sopro da Vida: um estudo dos efeitos do Canto Coral em um grupo de coralistas idosas. *Revista Kairós Gerontologia*, 16(4), pp.175-193. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.

ROCHA, V. C.; BOGGIO, P. S. A música por uma óptica neurocientífica. Per Musi, Belo Horizonte, n.27, 2013, p.132-140.

SACKS, Oliver. Alucinações Musicais: Um relato sobre a música e o cérebro. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SLOBODA, John A. *A mente musical: psicologia cognitiva da música*/ John A. Sloboda; tradução de Beatriz Ilari e Rodolfo Ilari. – Londrina: EDUEL, 2008.384p.; 23cm.

VELASQUEZ, Freddy Rojas. Enfoques sobre el aprendizaje humano. Departamento de ciencia y tecnología del comportamiento. Universidad Simón Bolívar. Jun, 2001.

VILELA, Josiane da Costa. A Música como ferramenta terapêutica no tratamento de Parkinson: uma pesquisa a partir do Curso de Licenciatura em Música do Centro Universitário de Barra Mansa/RJ - UBM. INTEGRATIO, v. 2, n. 2, jul. - dez. 2016, p. 94-101.